

A memória no espelho e a leveza do tempo pós-moderno

NUNES, Paulo. *O corpo no escuro: poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, 119p.

Roberto Carlos dos Santos

Doutorando em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia – Linha de Pesquisa: História e Cultura. Professor no Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM.

E-mail: profrcsantos@unipam.edu.br



Foi publicado, recentemente, pela Editora Companhia das Letras, o livro “O Corpo no Escuro: Poemas”, escrito pelo poeta mineiro Paulo Nunes, natural da cidade de Patos de Minas. A obra condensa dois livros escritos em épocas definidas e sem intersecções temporais. O primeiro, “OBVNI”, foi escrito entre os anos de 1990 e 1995 e compõe-se de 35 poemas; o segundo, “Tempo das Águas”, é constituído por 37 textos, cuja elaboração deu-se entre 1998 e 2002.

Às primeiras leituras já é possível identificar que as obras “OBVNI” e “Tempo das Águas” apresentam alguns elementos que lhes dão identidade, o que não significa que haja uma unidade consistente entre as mesmas, principalmente quando se trata da linguagem. Esta, no segundo livro, apresenta-se com um nível de elaboração mais complexo e uma dificuldade de acesso maior por parte do leitor às ideias-força dos poemas. Nesse sentido, a datação ofertada pelo autor faz-se desnecessária, sobretudo porque há sinais suficientes para se perceber a originalidade de cada um dos conjuntos

de textos. Numa “luta inglória” de aproximações e distanciamentos entre os dois livros, ora apresentados em um único volume, Paulo Nunes edifica, dá forma e visualiza contornos bem definidos para cada uma das obras. Todavia, os aspectos identitários mais proeminentes de “OBVNI”, por exemplo, permitem uma relação dialógica com “Tempo das Águas”. Há, sim, uma coerência vigiada, uma atenção meticulosa do autor para manter na maioria dos seus poemas, em ambos os livros, pistas de uma proposta criativa que o persegue constantemente, ou seja, o re-pensar sobre o tempo presente. Propõe-se, nesta resenha, uma leitura crítica, inicialmente, dissonante do que as orelhas do livro anunciam a todos: “(...) o conjunto impressiona pela coerência”. A coerência a mim não impressionou, se é que a mesma existe em tal ressonância entre os dois livros em questão. No caso, a identidade de traços reiterados pelo autor não pode ser tomada como o sentido ou a vontade de coerência entre as suas respectivas obras. E assim parece ser a relação entre os dois livros reunidos no volume “O Corpo no Escuro: Poemas”. Além disso, na mesma orelha, brilha uma pérola capaz de reconhecer temas “maiúsculos” da poesia (amor, desencanto, tempo e morte). E sobre os temas “minúsculos”, o que diriam Mário Quintana ou Manoel de Barros, por exemplo? A proposta hierarquizante dos temas “maiúsculos da poesia” e as generalidades aleatórias apresentadas na orelha não estão à altura da qualidade dos poemas de Paulo Nunes. Por isso, as orelhas merecem uma devida reescritura numa promissora segunda edição da obra.

Inicialmente, em “Confissão e prólogo”, o autor anuncia em forma de manifesto o lugar de onde ele fala, porque escrever é sair do anonimato, é resistir, enfrentar com as armas que possui e domina tão bem a pós-modernidade, o determinismo do consumo e a lógica do mercado. Neste texto, o autor sai em busca do universal, porque a dor contemporânea não se resume a espaços definidos e nem ao seu próprio sofrimento.

OBVNI (1990-1995) é marcado pela intensidade das antíteses que partem de uma simples oposição entre “oculto” e “aparente” para desaguar no refinamento do “branco dos olhos” a “vigiar a escuridão”, sem perder de vista que aquilo que é “lógico” também pode ser “absurdo”.

No poema “Crescente”, o autor apropria-se da metáfora da fase da lua para inserir sua obra no debate das questões ambientais. Nesse sentido, este livro faz emergir os ruídos da urgência em relação ao cuidado com a vida. Para isso, o autor não economiza termos que dizem respeito ao tempo e à ideia hegemônica no mundo contemporâneo de passagem célere da vida: “calendário”, “espelho”, “ponteiros”, “minuto”, “relógio”, “velocidade”, “hora”, “fotografias”, “viagem”, “luz” etc. A ideia do espelho e sua respectiva multiplicidade de ressignificações e metáforas na cultura ocidental e bastante usada por Paulo Nunes leva-nos a pensar em autores de obras-primas da literatura universal como, por exemplo, Padre Vieira (O sermão do demônio mudo), Oscar Wilde (O retrato de Dorian Gray), Machado de Assis (O espelho), Guimarães Rosa (O espelho), Carlos Fuentes (O espelho enterrado) e Umberto Eco (Sobre os espelhos), todos fascinados pelos sentidos do *speculum*.

A partir do poema “Perguntas”, a busca pela individualidade do poeta conspira o tempo todo contra o consumismo e vai de encontro à ilusória felicidade decorrente da capacidade de consumo e da imersão no mundo do efêmero da moda. Em seguida, no texto “A escada”, o autor mostra a concorrência entre a escada e o elevador em

tempos fugazes. A escada retoma a ideia da lentidão, da (re)descoberta, do imprevisível. Pisar cada degrau é digitar notas no piano da existência para compor uma melodia chamada vida. E, por isso, o poeta admira e, simultaneamente, lamenta o sofrimento da escada com sua proposta de peregrinação vagarosa, já que ela não carrega a fluidez da tecnologia, diante da ascensão desnorteadora e feérica do elevador. Este, talvez, seja muito familiar à superficialidade do turista contemporâneo, mas não é adequado à paciência da peregrinação do homem que caminha e, simultaneamente, ausculta tudo ao seu redor.

No poema “Endereço”, a palavra de Paulo Nunes parte de um beco sem saída a Manuel Bandeira para afirmar que as circunstâncias do tempo “apontam diferentes direções” ao homem. E, nessa rede de possibilidades, é o espelho mais uma vez retomado metaforicamente, agora, como uma cabina onde podemos enfrentar a dor e, sobretudo, a nós mesmos, ainda que a imagem refletida escape o tempo todo de nossas “retinas tão fatigadas”. A reflexão especular funciona como um dispositivo para romper as dificuldades de se aproximar do homem, seja no tempo da infância ou em outros tempos, conforme diz o poeta em “Maneira negra”.

No poema que dá título ao volume, “O corpo no escuro”, Paulo Nunes concebe o corpo como uma silhueta desbotada, diluída na natureza e fugidia, local onde a luz tem enfrentado dificuldades para alcançar. Em “Horto das Oliveiras”, percebe-se que a condição humana foi crucificada no tempo arbitrário do relógio, fato que pode ser evidenciado na relação entre a passagem do tempo e a eternização dos instantes pela fotografia, pelo álbum, enfim, por todos os suportes de memória contemporâneos.

A importância da memória e, principalmente, da reminiscência aparece em “A queda”, em que o poeta trata daquilo que não pode ser levado pelo rio *lethé*, pelas águas do esquecimento. A verdade, a *aletheia*, é a única capaz de desvelar o inolvidável, tudo que é preciso ser lembrado, tudo o que remete à *Mnemosyne*. Este tema é retomado nos versos de “Memória” que se inicia com a expressão “a arte de esquecer”, cujo livro homônimo do neurocientista Iván Izquierdo faz referências ao memorioso Funes e ao seu criador Jorge Luís Borges. Neste poema, pode-se ver a memória novamente como um espelho com capacidade imensa de armazenamento de instantes, capaz de guardar fragmentos do tempo e as respectivas reminiscências. São registros imponderáveis, gravam, marcam e avisam-nos a todos sobre a gravidade da vida. Em “Um astronauta”, há, mais uma vez, referências à passagem do tempo e sobre os riscos da travessia, os perigos da viagem entre o início e o fim. Há os odisseus que correm perigo à Homero ou à Kubrick, mas também existem as lógicas do tempo das sherazades e das penélopes tecelãs que sobrevivem porque são possuidoras da astúcia diante da morte.

Vale destacar “Rembrandt”, a meu juízo, um dos pontos mais elevados da elaboração literária de Paulo Nunes. Neste texto, o autor faz uma imersão privilegiada a aspectos expressivos do humanista do século XVII, Rembrandt, como, por exemplo, a valorização da luz, produzindo um efeito claro e escuro caravaggista e o destaque que o pintor dá em sua obra aos anciãos. Enquanto Rembrandt eterniza as suas tabernas, o poeta recorre à polissemia das “cavernas”. Pinturas como “Ancião com barrete de pele (Retrato do pai)”, “Filósofo meditando”, “A incredulidade de São Tomé” e “Ancião com bengala” são alguns exemplos do gosto de Rembrandt pela representação de homens idosos. E quem serviu de modelo para re-criações de muitos destes homens ido-

sos foi exatamente o pai do próprio pintor, um moleiro envelhecido. Assim, pode-se deduzir que a ideia do tempo da experiência associada ao universo da figura paterna não se restringe ao segundo livro, “Tempo das Águas”. Segundo Cioran,

os que amam Rembrandt são aqueles que se sentem grandemente atraídos pelos crepúsculos. Em Rembrandt a luz não vem de fora nem da lógica própria de uma quadro. O sol se põe em cada homem e em cada coisa. O retrato reflete de seu interior raios que não são seus. (...) Aqui os homens vêm da sombra, o mistério rembrandtiano não é senão a espera da obscuridade. Da obscuridade que espera a derrota de seu próprio princípio. Em Rembrandt tudo é velhice. Rembrandt é o cansaço da sombra e do sol, a indecisão dos seres entre a morte e a vida (2014, p. 133).

O livro OBVNI mostra um autor cuja preferência pelo inexato foi meticulosamente escolhida, resultado de uma arqueologia às nuances do pensamento e da memória onde se destacam a “penumbra”, o “opaco”, as “brumas”, as “nuvens”, o “noturno”, o “escuro”, a “neblina”, o “vulto”, a “sombra”, o “invisível”, aquilo que “embarraça”, os “muros”, o “eclipse”, os “ruídos”, a ausência de luz, enfim, os elementos “ocultos” que somente a poesia pode trazer à luz. Uma das principais críticas do livro OBVNI em seu conjunto de poemas direciona-se à feérica velocidade moderna e/ou pós-moderna que redimensiona tempo e espaço e exige alterações dos nossos sentidos de forma a evitar uma percepção mais aguda daquilo que aceleradamente desumaniza-nos a todos. Nesse sentido, a crítica aos excessos mundanos perpassa vários poemas de OBVNI.

O outro livro, “Tempo das Águas”, foi escrito entre os anos de 1998 e 2002. Este se inicia com o poema “Prece” cuja linguagem apropria-se de termos do universo científico (oxigênio, pulmões, células, hidrogênio, enfisema, oxidais, água, fogo etc.) conferindo aos versos um vigor expressivo e remetendo-nos à obra de Augusto dos Anjos, um dos inauguradores da modernidade na poesia brasileira.

No poema “A um pescador”, Paulo Nunes faz um exercício de reminiscência, uma tentativa de recuperar memórias perdidas da infância. Segundo o poeta, no rio, a passagem do tempo apresenta-se explicitamente e no lago também é possível perceber essa dinâmica; cabe a ele, agora, na condição de poeta, decodificar, na passagem do sol, o estranhamento causado pela efemeridade das coisas.

Em “Aniversário”, um poema a ser destacado no livro, a memória retoma o seu posto privilegiado de observação da vida contemporânea. A ausência é considerada constituinte da memória, o que hoje não pode ser razão para se construir ou reconstruir um tempo de afetividade. Perdas não são desaparecimentos. Perda é o vazio que merece ser lembrado. Aqui se re-inventa o passado na des-ordem das memórias com um propósito astucioso, tecer artimanhas para suportar as ausências. A memória consagra a importância de produzir registros de quem não os produziu, ou seja, permite até mesmo que o filho recrie o pai numa atmosfera de ausência.

O texto “Canção sem voz às quatro da madrugada” remete o leitor ao vir-a-ser, ao devir heraclítico, à insegurança humana diante da transitoriedade da vida, dos valores e das oportunidades de escolhas. O livro encerra-se com a poesia “Poema chinês”, que pode ser uma referência à flexibilidade de Lao-Tse, ao orientalismo de Ni-

etzsche ou ao vanguardismo de Paulo Leminski, sem a necessidade de serem tais referências excludentes entre si. Lembra-nos o poeta da possibilidade da reconciliação dionisíaca com a *physis* e de uma crítica à modernidade e, sobretudo, ao racionalismo. Aos excessos do *kosmos* e aos apelos da ordem propõe-se uma negação dos princípios apolíneos.

“Tempo das águas” revela uma poesia insurgente urdida para a interpelação do leitor, para retirá-lo da sua condição comum de indiferença e silêncio. O livro mostra-se mais emblemático do que o anterior, a linguagem é mais hermética para guardar mais segredos, sem perder de vista a contundência da crítica social e da própria linguagem. A palavra é a possibilidade de compensação numa paisagem des-enraizada e des-humana em que as violências de todas as formas e disputas simbólicas cruelíssimas acontecem em condições de evidente desigualdade. O autor propõe o (r)estabelecimento de relações humanas mediatizadas pela ética e pela solidariedade, porque a finitude das coisas vivas é de causar espanto tal qual “a correnteza” a levar que arrasta as árvores, levando inclusive as raízes.

As reflexões sobre a morte vão além da elaboração puramente literária, são indagações filosóficas que perpassam vários textos de “Tempo das águas” com os mais diferentes sentidos sem se esquecer da dimensão humorística (“Instruções a um morto” e “Três poemas bíblicos”). Existe, também, uma concepção antitética que opõe o menino ao velho, o antigo ao novo e a vida à morte e esta é reiteradamente usada por Paulo Nunes, porém as relações são de complementariedade e de trocas por uma via de mão dupla. Assim, há jovialidade na rabugice e nas experiências dos anciãos, há tradições naquilo que é revelado como novidade e há, principalmente, a incitação ao redimensionamento da vida pela presença inevitável da morte. O escritor lança luz sobre os significados da morte asséptica do hospital para além da lógica da exploração econômica (“Prece”, “A preguiça de Jacó” e “Deuses antigos”). Não mais existe a “boa morte” diante dos entes queridos, ou seja, houve uma segregação da morte, retiraram-na do convívio entre as pessoas e deram a ela o papel de protagonista no drama da mercadoria fetichizada. Nesse sentido, o médico surge como o taumaturgo a revelar riscos e decretar sentenças trágicas aos doentes, mediante o pagamento necessário ao controle momentâneo de uma avareza de classe. Em “Deuses antigos”, o poeta costura a ideia da sacralização da ciência médica no mundo contemporâneo, inquestionável e “verdadeira”, com a sua linguagem cifrada e inacessível aos mortais. Tudo isso, ou seja, a assepsia contemporânea da morte da morte e a sua respectiva mercantilização impede-nos a todos de dar um mergulho despudorado nos recônditos mais profundos da vida humana. O tratamento pós-moderno reconhecido à morte distanciou-nos da vida. Esta é uma sentença que “Tempo das águas” vocifera com destemor.

O poeta, como artífice literário, diria Hilda Hilst, busca antes de tudo uma expressão para aquilo que ele já sentiu e aprendeu (DINIZ, 2013, p. 8). Os poemas de Paulo Nunes constituem, assim, cada um a seu modo, manifestações aguçadas contra a tagarelice, discutida na antiguidade clássica por Plutarco, e que tanto tem proliferado nos dias atuais e conduzido os homens a momentos vexatórios em todas as dimensões sociais e, especialmente, na política. Numa época de idolatria da produtividade, inclusive no meio acadêmico, o que se vê e o que se ouve, na maioria das vezes, não é capaz de lembrar-nos da nossa condição humana em que a estética não se pode sobrepor à

ética. Mas o texto de Paulo Nunes é proveitoso, porque ele sabe o que diz, precisa dizer e nós precisamos ouvi-lo. E como disse o saudoso Ariano Suassuna “a literatura é uma forma de protesto contra a morte”, peleja esta na qual Paulo Nunes se empenha com todos os seus sentidos e saberes.

Referências

CIORAN, E. M. *O livro das ilusões*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

DINIZ, Cristiano (org.). *Fico besta quando me entendem: entrevistas com Hilda Hilst*. São Paulo: Globo, 2013.